



PERSONA

VOVÓ CICI, A SINGULARIDADE DE UM SABER

GRANDMA CICI, A DISTINCTIVE KNOWLEDGE

ABUELA CICI, UN CONOCIMIENTO SINGULAR

EVANI TAVARES

TAVARES, Evani.
Vovó Cici, a singularidade de um saber.
Repertório, Salvador, ano 22, n. 33, p. **224-235**, 2019.2

DOI: <https://doi.org/10.9771/rv0i33.34769>

RESUMO

Este é um texto inspirado pela figura da ebome¹ Cici, dona Nancy de Souza e Silva, pesquisadora, narradora de histórias dos orixás e uma das grandes mestras das tradições culturais negras na Bahia. É uma reflexão sobre o que seus conhecimentos representam. A partir desse mote, busca-se problematizar o modo de construção e legitimação do conhecimento nas universidades brasileiras que faz com saberes das culturas tradicionais e populares, como os de vovó Cici, não sejam aproveitados como deveriam. Para essa discussão, são trazidos os aportes de Bâ (1982), Bondía (2002), Duarte Júnior (2000) e Carvalho e Flórez Flórez (2014).

PALAVRAS-CHAVE:

Vovó Cici. Culturas negras. Narrativas orais. Encontro dos Saberes.

1 Título atribuído a quem tem mais de sete anos de iniciação no candomblé.

ABSTRACT

This is a text inspired by the figure of ebome² Cici, Mrs. Nancy de Souza e Silva, researcher, narrator of stories of orishas and one of the greatest teachers of Black cultural traditions in Bahia. It is a reflection on what her knowledge represents. From this point view, this paper seeks to discuss the way of construction and legitimization of knowledge in Brazilian universities which makes the wisdom of traditional and popular cultures, such as those of Grandma Cici, not be used as they should be. For this discussion, some contribution have been considered such as Bâ (1982), Bondía (2002), Duarte Júnior (2000) and Carvalho and Flórez Flórez (2014).

KEYWORDS:

Grandma Cici. Black cultures. Oral storytelling. Knowledge Sharing.

2 That person who has more than seven years of initiating in Candomblé religion.

RESUMEN

Es un texto inspirado por la figura de ebome³ Cici, la señora Nancy de Souza e Silva, investigadora, narradora de historias de los Orishas y una de las principales maestras de las tradiciones culturales negras, em Bahia. Y también, una reflexión sobre lo que representan sus conocimientos. A partir de esse mote, se busca problematizar el modo de legitimar y construir, influyendo así, em las universidades brasileñas para que se pregunte: que hace com los conocimientos y sabiduría de las culturas tradicionales y populares, como los que plasma "La abuela" Cici, aprovechándose como es debido y requerido. Para essa discusión qu pueda generar, se presentan, com rigor y ánimo constructivo, las necesarias aportaciones de Bâ (1982), Bondía (2002), Duarte Júnior (2000) and Carvalho y Flórez Flórez (2014).

PALABRAS CLAVE:

Abuela Cici. Culturas negras. Histórias orais. Encontro de Saberes.

3 Título otorgado a cualquier persona que tenga más de siete años de iniciación em candomblé.



INTRODUÇÃO: ENTRANDO NA CASA, COM A LICENÇA DAS MAIS VELHAS

O LUGAR DE ONDE SE PRETENDE FALAR neste escrito é o de quem senta e busca escutar atentamente conhecimentos que estão aquém dos muros de validação do conhecimento. Se esse conhecimento tem estrada, e pulsa, e leva a outros caminhos o pensar, mais ainda se apruma a escuta. Desse modo, com a devida reverência, peço licença a dona Nancy de Souza e Silva, a vovó Cici, para discorrer, muito sucintamente, sobre aquilo que me inspira o seu saber. E espero fazer bom uso disso no qual ela é mestra, o conhecimento.

Vovó Cici chegou a Salvador em 1971. Sua casa, onde foi iniciada, foi o Ilê Axé Opô Aganju, em Lauro de Freitas, do babá Balbino Daniel de Paula. Entre 1992 e 1996, trabalhou com Pierre Verger na catalogação de mais de 11 mil fotografias históricas de matrizes dos cultos afro-brasileiros do Togo, Gana, Nigéria e África do Norte. Também cuidou dele até sua passagem, em 1996. Além de atuar como educadora ancestral, *griot*, vovó Cici atende pesquisadores do mundo todo que vêm aprender com conhecimentos sobre a cultura dos orixás.

Oficialmente, começa a narrar histórias para o grande público a partir de 2002 e, hoje, além de contá-las para seus “netos” no Terreiro Espaço Cultural Pierre Verger, vovó Cici leva as histórias e ministra cursos de música, dança e comida de

orixás, com a mesma generosidade para lajes, escolas, universidades, museus e espaços culturais, de modo geral, instituições de saúde, programas de TV, dentre outros diversos espaços, e eventos dos mais diretos: viradas culturais, festivais e feiras literárias. Mais recentemente, a Fundação Pierre Verger anunciou o lançamento aplicativo para *smartphones* que permitirá às pessoas ouvirem o livro *Lenda dos orixás*, de Verger (1902-1996). Além disso, ela tem sido convidada a palestrar em diversas partes do mundo, como França, Estados Unidos, Cuba, Suíça, entre outras. Ela também é alvo de um sem número de homenagens, como, por exemplo, na Festa Literária Internacional de Cachoeira, na Bahia; nos Diálogos Insubmissos com Mulheres de Axé; Casa de Las Américas, por exemplo. Também é tema de dissertação em educação, como *Trajetórias formativas e histórias: aprendizagens que vovó cici deixou cair no meu ouvido*.⁴

Cici é exatamente como eu a imaginava, humildade e sabedoria como dois lados de uma mesma moeda. Ao ouvir as gravações dos nossos encontros, fragmentos difíceis de alinhar, me assusta – mas não surpreende – a diferença das nossas vozes: de um lado, o meu volume, a minha pressa, a minha assertividade; do outro, a sua economia, a sua pausa, a sua precisão. Sempre me considerei uma boa entrevistadora, mas, ao ouvir nossas trocas, chego a me achar um pouco rude. (MELO, 2019)

Perguntada sobre quem é mãe Cici, ela responde: “Sou só uma pequenina griô que conta histórias de sua cultura para quem quiser ouvir. É só isso”. (MENDONÇA, 2016) Essa resposta – mais que um traço de humildade que, de fato, é notável em sua personalidade – traduz a sua grande consciência de todo o legado das tradições ancestrais das culturas negras no Brasil. Isso nos dá a dimensão de seu conhecimento. Certamente, a simplicidade de vovó Cici não condiz com sua posição enquanto mestra do saber, e isso é atestado por todos e todas as filhas, filhos, netas, netos, aprendizes e admiradores no encontro com ela, como bem atestado nesta primeira parte desta *persona*. Por se constituir em uma biblioteca viva para nossas culturas, com todas as suas narrativas sobre os orixás, vovó Cici deveria, com certeza, “ser uma figura reverenciada em tudo que é canto da cidade”, como bem observou, estupefata, Danielle Andrade. (MENDONÇA, 2016)

4 Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 2018, de autoria de Fernanda Sanjuan de Souza.

UM CONHECIMENTO SINGULAR

A protagonista que ora apresentada nesta *persona* é detentora de um saber singular, que vem sendo construído ao longo de uma existência, com reconhecido mérito na comunidade de onde vem. Sabedora que é, encanta, ensina e aprende a cada novo encontro. Seu saber não se pretende universal; muito pelo contrário, faz questão de assinalar o lugar de onde vem. Em contraponto a isso, no contexto da educação institucionalizada, somos levados a crer que o conhecimento, a partir de determinados parâmetros, é universal. Essa é uma perspectiva absolutamente excludente, que faz com que saberes como os de vovó Cici e de tantos outros mestres e mestras como ela não sejam suficientemente integrados aos nossos currículos. Isso é uma pena, pois esses professores e professoras formados em suas tradições têm muito a nos dizer e mostrar sobre esse vasto mundo que é o conhecimento em suas mais distintas versões. Eles e elas nos vem atestar a todo momento a pluralidade do saber em suas configurações e conteúdos e que singulares são as particularidades trazidas por cada uma dessas formas.

A respeito do modo distorcido como isso vem acontecendo, achamos oportuna a fala de Bondía (2002, p. 27):

Atualmente, o conhecimento é essencialmente a ciência e a tecnologia, algo essencialmente infinito, que somente pode crescer; algo universal e objetivo, de alguma forma impessoal; algo que está aí, fora de nós, como algo de que podemos nos apropriar e que podemos utilizar; e algo que tem que ver fundamentalmente com o útil no seu sentido mais estreitamente pragmático, num sentido estritamente instrumental.

Sim, o conhecimento legitimado pelas nossas universidades é herdeiro da concepção cientificista de que o saber é algo que só se adquire através da ciência e métodos, como o distanciamento entre o objeto do saber e seu observador e a utilização de métodos objetivos de procedimentos e verificação. Nessa perspectiva, só esse tipo racionalidade seria válido, e quaisquer outros conhecimentos

que escapam a essa norma perdem seu valor. Uma outra crítica a esse modelo é feita por Carvalho e Flórez Flórez (2014, p. 133):

nuestras universidades están estructuradas alrededor de la transmisión de los conocimientos científicos, tecnológicos y humanísticos que fueron estandarizados en las universidades occidentales después de una gran reforma epistémica que los distanció del modo integrado de saberes, característico de las instituciones europeas desde el Renacimiento hasta el inicio de la Ilustración. Subrayamos dos aspectos principales de los conocimientos académicos modernos: por un lado, la formalización matemática casi generalizada, la cual estimuló la neutralidad científica y cuyo efecto fue la circulación del conocimiento como si fuera resultado de un saber impersonal, independiente del sujeto que lo creó o que lo transmitía; por otro, la separación y segmentación de los conocimientos en disciplinas, lo que estimuló una especialización creciente entre docentes [...].

A pseudouniversalidade das teorias científicas propagadas dessa maneira indistinta em todos os lugares fundamenta a ideia imperialista de que o conhecimento só pode advir de uma única fonte, validada por elas mesmas. Não dá para deixar de pensar no quão prejudicial essa concepção representa, tanto para o avanço do conhecimento em todas as suas potencialidades humanas, em suas mais diversas concepções, quanto para o conjunto de culturas não contempladas pela estreita lente egocêntrica que determina o que é e o que não é conhecimento válido. Está aí excluída toda uma gama de culturas – memórias vivas – cujos conhecimentos estão fundados em processos complexos de ensino e aprendizagem, passados de geração a geração, a partir de uma multiplicidade de suportes, em diálogo constante com os diferentes contextos que os envolvem e que forma e se conforma através de distintos modos de ser e viver a humanidade.

Nesse sentido, sinto-me absolutamente contemplada com a análise de Bondía (2002), que, em suas reflexões sobre a ciência do saber, nos diz que o conhecimento é resultante de uma profunda internalização e reflexo de uma existência plena em seu universo. Para ele:

O saber da experiência [...] não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (BONDÍA, 2002, p. 27)

Essa concepção trazida por Jorge Larrosa Bondía é uma perspectiva muito próxima, senão homóloga, às praticadas por culturas tradicionais não eurocêntricas, como as negras e indígenas, nas quais o saber é resultado de uma longa construção alicerçada na e com o universo sociocultural que o produz, na qual a relação interpessoal nos processos de transmissão e o aprendizado em várias dimensões são fundamentais. Essas culturas, de modo geral, desenvolvem formas de conhecimento que reconhecem singularidades – não se pretende, portanto, universal – e fazem questão de assinalar suas afiliações. Elas geram conhecimentos que se fundam nas raízes profundas da tradição. E tradição, como ensina mestre Didi, em 1989, não é:

*[...] algo congelado, estático, que aponta apenas à anterioridade ou antiguidade mais aos princípios míticos inaugurais, constitutivos e condutores de identidade, de memória, capazes de transmitir de geração a geração continuidade essencial e, ao mesmo tempo, reelaborar-se nas diversas circunstâncias históricas, incorporando informações estéticas que permitam renovar a experiência, fortalecendo seus próprios valores.*⁵

Enfim, a tradição não cabe na palma estreita de uma só mão. Ela é forjada por um punhado de mancheias de profunda complexidade, daí seu alto grau de elaboração. O poder de reverberar-se, sempre e sempre atualizando seus principais operadores, a todo tempo, atendendo a dinâmicas internas e complexas, é o modo próprio de validação dessas formas de conhecimento que não separam pensamento de vivência.

Por todas as razões aqui arroladas, figuras como vovó Cici são oportunidades genuínas de aprendizado e reflexão sobre um modo integral de formação do ser humano em todas as suas potencialidades, enquanto ser, vivente e senciente. Em

5 Palestra apresentada no colóquio Magiciens de la Terra, Museu National d'Art Moderne Centre George Pompidou, Paris, em 2 de junho de 1989.

sua educação dos sentidos, Duarte Júnior (2000) assinala que uma das principais missões da contemporaneidade é reavaliar os modos de apreensão do conhecimento. Vemos, nessa colocação, um chamado do autor para a necessidade de uma concepção de conhecimento que abarque o ser humano, incluindo seu corpo, mente, os modos distintos de apreensão da realidade, e não somente o intelecto. A demasiada ênfase na objetividade, a busca pela lógica e a relação entre meta e o resultado não podem, nem devem ser aplicadas indistintamente, sob pena de um prejuízo aquilo que busca avanço através do conhecimento.

Duarte (2007), parafraseando o ditado, “quando a cabeça não pensa, o corpo padece”, alerta: “quando só a cabeça pensa o corpo fenece”. E dando sequência à brincadeira, adaptando esse ditado para nosso contexto, pode-se assinalar: se essa cabeça não nos pertence, perdemos a nós mesmos e tudo aquilo que nos faz ser o que somos. Esse chamado de Duarte, bem como de Bondía, Carvalho e de Boa Ventura, entre outros, vem nos lembrar que a exclusão dos saberes das culturas tradicionais como conhecimentos legítimos dentro das instituições formadoras de opinião, como são as universidades, é uma forma de condenar constantemente à morte parte da memória do que somos, do que nos faz diversos e próximos à natureza própria da vida.

É importante ter consciência de que cada mestre e mestra que detém um saber é apenas a capa de um livro que tem dentro uma rica fonte de ponderações e percepções sobre a realidade vivida e que precisamos construir pontes para acessá-lo. Nesse sentido, são bastante bem-vindas iniciativas pertinentes e revolucionárias que venham fazer frente a essa univocidade que assola a produção do conhecimento acadêmico, caso, por exemplo, do projeto Encontro dos Saberes, surgido na Universidade de Brasília (UnB), que defende atuação de mestras e mestres das culturas tradicionais como docentes nas universidades.

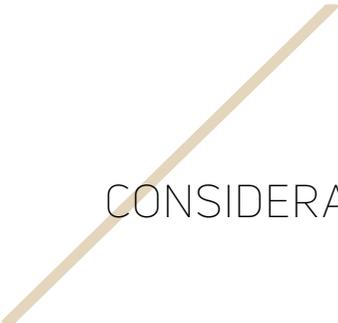
Esse projeto, idealizado por José Jorge de Carvalho e outros pesquisadores, foi implementado em 2010 com proposta de trazer mestras e mestres dos mais diversos saberes para lecionar cursos em suas especialidades, na condição de docente colaborador.⁶ Desse modo, busca-se, assim, atacar o etnocentrismo pela epistemologia, já que, junto com ao mestre, sua fala em primeira pessoa, vem todo o cabedal conceitual e metodológico que carrega.

6 Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI), em parceria estabelecida junto à Universidade de Brasília (UnB), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), ao Ministério da Educação (MEC) e ao Ministério da Cultura (MinC).

Com o intuito de:

[...] *decolonizar el modelo de conocimiento científico, técnico y humanístico impartido en nuestras universidades. [...] teórico-política de corte transdisciplinar que contribuye [...] La apuesta política del proyecto Encuentro de Saberes aquí expuesto, es decolonizar los conocimientos universitarios eurocéntricos con la inclusión de saberes indígenas, afros y de otras comunidades tradicionales de la región, considerándolos como saberes válidos que deben ser enseñados en igualdad de condiciones que los occidentales modernos.* (CARVALHO; FLÓREZ FLÓREZ, 2014, p. 132-133, grifo nosso)

O Encontro dos Saberes se propõe a atender esse desafio da diversidade desde dentro, a partir de seu eixo elementar: o espelhamento. Ou seja, para que possa ser realmente inclusiva, a universidade precisa fazer o movimento em direção ao seu entorno, às bases que formam culturalmente o povo para o qual ela serve, para que assim possa, de fato, refleti-la. É preciso entender que tanto o conhecimento validado pela ciência quanto o conhecimento validado pela tradição são igualmente importantes, independentes de qualquer padrão hierárquico que se queira, institucionalmente, impor. Pois o saber não tem fronteiras, é livre e não se deixa aprisionar por classes, *status* e máscaras. O saber enquanto conhecimento é um dado da experiência que é intransferível. Pode ser transmitido, é claro. Mas sua propriedade é indubitável e, ao menos no contexto das tradições populares, o ter não se separa do ser; não se pode colocá-lo e tirá-lo quando for conveniente.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre vovó Cici e tudo que seu saber enseja enquanto memória viva das culturas dos orixás e da ancestralidade negra oferece oportunidade para refletir um pouco sobre algumas premissas que sustentam a concepção de saberes como os transmitidos por vovó Cici, saberes esses que se

encontram nas bases das culturas que nos constituem enquanto nação. Nesse sentido, é fundamental problematizarmos para que possamos desconstruir a forma hierárquica e excludente com a qual o conhecimento vem sendo produzido e legitimado por nossas universidades.

Vovó Cici e o saber apontam para forma distinta de aprender e ensinar, na qual encantamento, sabedoria ancestral, dedicação, generosidade, tradição, complexidade, simplicidade, retidão e compromisso são componentes importantes. Vovó Cici é singular, e em sua grandeza, aos 80 anos, não se furta de trazer ensinamentos preciosos a quem os queira ouvir, nem mesmo de aprender com aqueles que circundam. Em sua sabedoria e humildade, vovó Cici reverencia aqueles e aquelas que lhe antecederam e cultiva o presente e o porvir. Ouvir e conhecer vovó Cici é aprender sobre um mundo muito maior que aquele ensinado por instituições convencionais de educação formal. Aprender sobre e com essa mestra a respeito das histórias dos orixás e outros ensinamentos do candomblé, sua ética e estética é descolonizarmo-nos um pouco. É testemunhar que, tal qual se diz no candomblé, no mundo do saber, antiguidade é posto.

Segundo Bernat (2008, p. 160), o grande mestre *djeli* Sotigui Kouyaté (1936-2010) diz que: “Toda confusão, toda rejeição é fruto do desconhecimento do outro” e nós, brasileiros, enquanto ignorarmos nossas histórias negras e indígenas, mais longe ficaremos de conhecermos a nós mesmos. E vovó Cici é um desses tesouros, legados pela tradição das narrativas orais negro-africanas no Brasil, que nos chama para esses lugares tão nossos e pouco conhecidos. Através das histórias, ela busca passar um pouco da sabedoria oriunda dos contos dos orixás, de nação iorubá. Aprendemos sobre os deuses e aprendemos sobre a vida, pois estamos diante não só de histórias, mas também de visões de mundo oriundas da experiência.

Percorrido esse caminho, espera-se, deste nosso lugar, ter realizado de maneira justa a referência (ou reverência?) a vovó Cici. Muito certamente, ela, em seu saber, fala mais por si mesma. Sim, é preciso ter consciência de que, ao receber vovó Cici ou qualquer outro mestre ou mestra de nossas tradições, nesta casa/ revista/ academia, somos nós quem mais aprendemos. Por isso, mais que uma apresentação, este escrito se propôs a ser um convite, assim: vá, encontre a mestra e, se puder, aprenda com ela!

REFERÊNCIAS

- BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (ed.). *História geral da África, I: metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática: UNESCO, 1982.
- BERNAT, Isaac Garson. *O olhar do griot sobre o ofício do ator: reflexões a partir dos encontros com Sotigui Kouyaté*. 2008. Tese (Doutorado em Teatro) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Tradução de João Wanderley Geraldi.
- CARVALHO, José Jorge de; FLÓREZ FLÓREZ, Juliana. Encuentro de saberes: proyecto para decolonizar el conocimiento universitario eurocéntrico. *Nómadas*, Bogotá, n. 41, p. 131-147, oct. 2014.
- FREGONEZE, Josmara; JESUS, Marlende; SOUZA, Nancy (Cici). *Cozinhando história: receitas, histórias e mitos de pratos afro-brasileiros*. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2015.
- VERGER, Pierre. *Lendas africanas dos orixás*. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2019.
- VERGER, Pierre. *Orixás: deuses lorubás na África e no novo mundo*. Salvador: Corrupio, 1981.

OUTRAS FONTES

JORNAIS

- LINS, Letícia. Dia das Mães: Vovó Cici (80) vai da Bahia ao Rio de Janeiro, visitar a sua (de 1940). *Oxe Recife*, Recife, 14 maio 2019. Disponível em: <http://oxerecife.com.br/2019/05/11/a-magia-de-ebomi-cici-no-recife/>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- MELO, Giani Paula de. Ebomi Cici: humildade, sabedoria e doçura. *Continente*, Recife, 2 set. 2019. Disponível em: <https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/225/ebomi-cici--humildade--sabedoria-e-docura>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- MENDONÇA, Tatiana Mendonça. *Viver para contar. A Tarde*, Salvador, 14 nov. 2016. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/muito/noticias/1815978-viver-para-contar>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- NUNES, Gabriela. Vovó Cici e o saber ancestral das histórias. *Saravá: memórias e afetos*, Salvador, 13 abr. 2017. Disponível em: <http://www.saravacidade.com.br/ser/vovo-cici-e-o-saber-ancestral-das-historias/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

PALESTRA

Deoscoredes dos Santos (Mestre Didi), apresentado no Colóquio “Magiciens de la terra” (Palestra), Museu National d’Art Moderne Centre George Pompidou, Paris, em 2 de junho de 1989.

EVANI TAVARES: é mestre e doutora em Artes Cênicas. É professora doutora na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), nos cursos do bacharelado e licenciatura em Artes. É professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pesquisa as culturas negras no contexto das artes cênicas.